RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

Contações de Histórias em Tempos de Inteligências Artificiais: em busca de sentidos para o viver e a experiência humana

Storytelling in Times of Artificial Intelligence: in search of meanings for living and human experience

Narraciones de Historias en Tiempos de Inteligencias Artificiales: en busca de sentidos para el vivir y la experiencia humana

Maria Cristina Sagário – Universidade Federal de Uberlândia, mcsagrio@ufu.br – Pós - doutoranda em História Social no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Uberlândia.
Sérgio Paulo Morais – Universidade Federal de Uberlândia, sergio.paulo@ufu.br - Docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), na linha de pesquisa em História Social, da Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo:
Este artigo reflete sobre o papel dos narradores de histórias e das inteligências artificiais na contemporaneidade. Para isso, estabelece um diálogo entre a canção Cérebro Eletrônico, de Gilberto Gil, a noção de pensamento em René Descartes, a concepção de narrativa em Walter Benjamin e a reflexão sobre oralidade em Paul Zumthor. A partir desse diálogo, a prática de contar histórias é compreendida como partilha de experiências e exercício de pensamento que promove a socialização do indivíduo por meio da narrativa. O texto também mobiliza as contribuições de Karl Marx e György Lukács para discutir a constituição do ser social em sua dimensão coletiva diante da emergência dos algoritmos, articulando criação narrativa, linguagem e mundo do trabalho.

Palavras-chave:
Pensamento. Narrativas. Inteligências artificiais. Experiências. Trabalho.

Abstract:
This article reflects on the role of storytellers and artificial intelligence in contemporary society. To this end, it establishes a dialogue between the song Cérebro Eletrônico, by Gilberto Gil, René Descartes' notion of thought, Walter Benjamin's conception of narrative, and Paul Zumthor's reflection on orality. Based on this dialogue, the practice of storytelling is understood as the sharing of experiences and an exercise of thought that promotes the socialization of the individual through narrative. The text also draws on the contributions of Karl Marx and György Lukács to discuss the constitution of social being in its collective dimension in light of the emergence of algorithms, articulating narrative creation, language, and the world of work.

Keywords:
Thought. Narratives. Artificial intelligence. Experiences. Work.

Resumen:
Este artículo reflexiona sobre el papel de los narradores de historias y de las inteligencias artificiales en la contemporaneidad. Para ello, establece un diálogo entre la canción Cérebro Eletrônico, de Gilberto Gil, la noción de pensamiento en René Descartes, la concepción de narrativa en Walter Benjamin y la reflexión sobre la oralidad en Paul Zumthor. A partir de este diálogo, la práctica de contar historias se comprende como intercambio de experiencias y ejercicio de pensamiento que promueve la socialización del individuo por medio de la narrativa. El texto también moviliza las contribuciones de Karl Marx y György Lukács para discutir la

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

constitución del ser social en su dimensión colectiva ante la emergencia de los algoritmos, articulando creación narrativa, lenguaje y mundo del trabajo.

Palabras clave:
Pensamiento. Narrativas. Inteligencias artificiales. Experiencias. Trabajo

O cérebro eletrônico e seus limites

Na canção ‘Cérebro Eletrônico’, composta e interpretada por Gilberto Gil em 1969, podemos perceber que já havia naquela época uma preocupação sobre o que poderia distinguir o homem das máquinas. A canção pode ser compreendida como uma reflexão estética que antecipa hipóteses centrais do debate contemporâneo sobre tecnologia, Inteligência Artificial (IA) e ser humano. Longe de se restringir a uma crítica casual ao avanço técnico, a música inscreve-se em uma noção de pensamento que interroga os limites entre racionalidade instrumental e experiência humana, entre processamento lógico e consciência reflexiva.

Ao tematizar a possibilidade de um “cérebro” mecânico e artificial, a canção problematiza a distinção entre operação técnica e pensamento. Nesse sentido, o texto poético sugere uma diferença essencial entre o agir programado, dependente de comandos e estímulos externos e o pensar humano, entendido como atividade centrada, atravessada por memória, historicidade e afetividade. A máquina opera segundo padrões e instruções; o humano, por sua vez, interpreta, atribui sentido e transforma a experiência em narrativa.

Essa distinção desloca a discussão do plano meramente funcional: o que a máquina é capaz de fazer para o plano cognitivo e existencial? O que significa pensar? Assim, a canção problematiza e antecipa uma crítica à concepção de inteligência como simples processamento de informações, pois, sob o comando do nosso cérebro somos capazes de executar várias ações, como por exemplo, andar, falar e ver, coisas que as, com seus cérebros eletrônicos não consegue. Ao evocar dimensões como emoção, consciência de si e espontaneidade comunicativa, o texto reafirma que o humano não se esgota em uma lógica operacional.

Sob essa perspectiva, “Cérebro Eletrônico” pode ser lida como uma comparação sobre os riscos de equiparar inteligência a desempenho técnico. Ao instaurar essa tensão, a música contribui para um debate que hoje se intensifica diante das inteligências artificiais generativas: se as máquinas simulam linguagem e produzem narrativas, em que medida isso equivale a experiência, intenção ou consciência? A resposta insinuada pela canção sugere que há uma diferença fundamental entre simulação e vivência, uma diferença que permanece no centro das discussões filosóficas e culturais sobre tecnologia na atualidade. A música problematiza:

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

O cérebro eletrônico faz tudo
Faz quase tudo
Faz quase tudo
Mas ele é mudo
O cérebro eletrônico comanda
Manda e desmanda
Ele é quem manda
Mas ele não anda
Só eu posso pensar
Se Deus existe
Só eu
Só eu posso chorar
Quando estou triste
Só eu
Eu cá com meus botões
De carne e osso
Eu falo e ouço. Hum
Eu penso e posso
Eu posso decidir
Se vivo ou morro por que
Porque sou vivo
Vivo pra cachorro e sei
Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
No meu caminho inevitável para a morte
Porque sou vivo
Sou muito vivo e sei
Que a morte é nosso impulso primitivo e sei
Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
Com seus botões de ferro e seus
Olhos de vidro – (Gil, 1969)

Como já ressaltado, ao afirmar que o "cérebro eletrônico faz quase tudo", mas é "mudo" e "não anda", a letra estabelece uma distinção básica entre a eficiência operacional da máquina e a experiência existencial do ser humano. O eu poético contrapõe-se ao aparato tecnológico, reivindicando para si a capacidade de pensar, sentir, decidir e reconhecer a própria finitude. Desta forma, pensar, chorar, escolher entre viver ou morrer, são apresentados como atos que extrapolam o automatismo e remetem à consciência de si mesmo. A máquina pode executar comandos complexos; o ser humano, contudo, sabe que vive e que morrerá reconhecendo com isso uma das grandes inquietações vivenciadas apenas pelos seres vivos, que é a morte. É nessa consciência da própria condição existência e finitude que reside sua singularidade.

Essa reflexão dialoga diretamente com o pensamento de René Descartes, que, em 1637, na obra "Discurso do Método", formula a célebre máximo "penso, logo existo". Diante de um mundo marcado pela dúvida e pela incerteza, Descartes identificou no ato de pensar a primeira

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

evidência incontestável da existência. Ao duvidar de tudo, o sujeito descobre que não pode duvidar de que pensa, e, portanto, de que existe.

Assim, tanto na canção quanto na filosofia cartesiana, a liberdade de pensamento aparece como base da nossa existência e como marca característica do ser humano. Em um contexto contemporâneo marcado pelo avanço das IAs, essa distinção torna-se ainda mais provocativa: se as máquinas calculam, processam dados, simulam linguagem e raciocínio, seria legítimo questionar: Poderão algum dia as IAs ultrapassarem limites que consideramos atualmente intransponíveis e que constituem para nós um dos referenciais da nossa existência? As indagações não apenas permanecem em aberto, como se intensificam diante das transformações tecnológicas que reconfiguram os próprios sentidos de pensar e existir.

É precisamente nesse ponto que a figura do contador de histórias assume centralidade. Diferentemente da máquina, que organiza dados e combina padrões narrativos por meio de comandos algorítmicos[1] - vivemos na era algorítmica, o contador de histórias reivindica por intermédio das suas ações: as memórias, as experiências e as emoções. Suas narrativas não se reduzem a um arranjo textual, mas constituem-se como acontecimento vivo, atravessado por silêncios, respirações, hesitações e afetividades. Eles estabelecem, com isso, uma relação singular com as pessoas que os ouvem, pois, estas também irão utilizar, enquanto receptores, todos os seus sentidos para o absorver as mensagens que são emitidas pelo narrador.

Portanto, se no "Discurso do Método" (1637), René Descartes avalia que existir é pensar, a prática do contador de histórias expande essa ideia: existir é também narrar, é compartilhar sentidos e simbologias através da imaginação, é transmutar o pensamento de um exercício solitário, para uma experiência coletiva.

Em um contexto marcado pelo avanço das inteligências artificiais e pela consolidação de uma era algorítmica, na qual as máquinas, quando acionadas por meio de *prompts*, tornam-se capazes de conceber enredos e simular vozes narrativas, a contação de histórias reafirma a singularidade da experiência humana não apenas como faculdade cognitiva, mas como

[1] Algoritmos são linguagens matemáticas criadas para processar dados, fazer cálculos, tomar decisões automatizadas e executar tarefas específicas. "Os algoritmos são um componente chave do aprendizado de máquina e dos modelos generativos baseados em IA. Além de ajudar as máquinas a "aprender" com os dados, os algoritmos também são usados para otimizar a precisão dos resultados e tomar decisões ou recomendações com base nos dados de entrada. (LEAL, p.10, 2026). Embora sejam desenvolvidos por seres humanos, os algoritmos desempenham papel central na organização, seleção e distribuição de informações nas plataformas digitais contemporâneas. A expressão 'era algorítmica' refere-se ao período histórico em que algoritmos passaram a mediar de forma crescente a vida social, econômica, cultural e política, influenciando desde o acesso à informação até os padrões de consumo, comunicação e interação social. Nesse contexto, as decisões automatizadas e os sistemas de recomendação tornam-se elementos centrais na experiência cotidiana dos indivíduos. (Idem, 2026)

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

acontecimento relacional. Diferentemente da geração algorítmica de textos, a narrativa oral constitui-se como uma prática atravessada pela memória, pela corporeidade e pelos afetos, na qual o ato de narrar não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a partilha de presenças, experiências e sentimentos.

Assim, mais do que produzir histórias, o contador de histórias transforma experiência em sentido compartilhado, convertendo o imaginário em palavra viva e instaurando um espaço de escuta e coautoria simbólica. É nessa organização em que memória individual e experiências coletivas se entrelaçam que a narrativa humana se distingue, não como mera organização de dados, mas como construção de mundo, continuamente (re)criada no encontro entre quem narra e quem escuta.

Assim, como se pode observar, tanto na canção/poesia quanto na filosofia cartesiana, o pensamento aparece como base da nossa existência, sendo uma marca característica do ser humano. Contudo, quando deslocamos essa discussão para o campo da oralidade e das narrativas, torna-se evidente que pensar vai além de um ato lógico ou puramente racional. Pensar, na tradição da narrativa oral, envolve também uma ação compartilhada, uma sabedoria acumulada e refinada pelas experiências individuais e coletivas, ela mobiliza em sua prática elementos sensoriais, afetivos e sociais, que agem em benefício do refletir, do ponderar e do experienciar. O pensamento, nesse horizonte, não é apenas operação mental abstrata, mas prática encarnada e relacional.

> [...] a verdadeira narrativa [...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. [...] O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (Benjamin, 1985, p. 200 e 201)

É nesse horizonte que as reflexões de Walter Benjamin, especialmente no ensaio ‘O Narrador’ (1985), iluminam a discussão. Ao sustentar que a verdadeira narrativa comporta sempre uma dimensão prática, Benjamin, distingue a experiência partilhada da mera informação imediata. Para o autor, o narrador não transmite dados isolados, mas experiências densas, sedimentadas no tempo, impregnadas de sabedoria e abertas à interpretação, seja por meio de conselhos, ensinamentos morais ou orientações implícitas para a vida, o narrador extrai da própria vivência ou da experiência alheia que se tornou sua aquilo que conta, entrelaçando sua memória com a dos seus ouvintes.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

Quando colocamos essa perspectiva em diálogo com as inteligências artificiais, a distinção torna-se ainda mais significativa, pois, as IAs quando são estimuladas e solicitas em seus *prompts* são capazes de organizar dados, reconhecer padrões, produzir textos narrativos coerentes e até contar histórias, contudo, elas não retiram da sua experiência aquilo que narram, elas agem de forma mecânica desprovidas de emoções e não por terem vivenciado ou observado aquilo que relatam. Se, para Benjamin, a autoridade do narrador nasce da experiência compartilhável, a produção algorítmica evidencia um outro regime de elaboração narrativa: informacional, estatístico e combinatório.

Desta maneira, a narrativa se constitui como um espaço privilegiado de construção compartilhada, no qual existir e pensar não se dissociam da experiência vivida e transmitida, dimensão que desafia os modos automatizados de geração de histórias, e, recoloca no centro dessa discussão a singularidade do contador de histórias enquanto sujeito portador e propagador de experiências para vida.

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Idem, p. 205, 1985)

Nesse movimento, entre os contadores de histórias e suas narrativas, o narrar não se faz de forma impositiva, dirigida ou controlada, mas surge no horizonte de quem a reproduz e de quem a escuta de forma natural, gerando reflexões, continuidades e (re)elaborações em seus pensamentos.

Oralidade, experiência e atuação narrativa

Portanto, narrar constitui-se como prática histórica e coletiva: um espaço privilegiado no qual viver, pensar e transmitir experiência se articulam de maneira indissociável, configurando a narração como forma de construção de sentido para a vida. “Nossos "sentidos", na significação mais corporal da palavra, a visão, a audição, não são somente as ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento. Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite perseverar no seu ser.” (Zumthor, p. 81, 2007).

Para Zumthor (1993), a oralidade não se limita ao uso da voz em oposição à escrita, constituindo-se como um modo de transmissão e performance da linguagem em que a presença

do corpo, da voz, da situação de enunciação e da interação entre emissor e ouvintes participa da produção de sentido. O texto oral configura-se como um evento performático, variável e atualizado a cada realização. Por esta razão, uma história nunca será narrada de uma mesma maneira ao ser contada por um contador de histórias.

Com isso, Paul Zumthor (2007) enfatiza que a oralidade não se reduz à transmissão de conteúdos, mas constitui um acontecimento que envolve performance, corporeidade e presença. A voz que narra não funciona apenas como veículo de uma mensagem: ela instaura um evento sensível, situado no tempo e no espaço, no qual corpo, gestos e escuta se entrelaçam, produzindo sentidos que emergem da interação entre narrador, narrativa e ouvintes. Cada performance é, portanto, única e irrepetível, pois se constrói nas circunstâncias concretas do encontro e na experiência compartilhada entre aqueles que contam e aqueles que escutam.

Nesse sentido, embora os sistemas de inteligência artificial sejam capazes de estruturar enredos complexos e gerar narrativas formalmente coerentes, eles não reproduzem integralmente a dimensão performática da narração. Marcada pela respiração, pelo ritmo, pelo improviso e pelos afetos que emergem do encontro entre narrador e ouvintes, essa dimensão transcende o conteúdo verbal e se inscreve em uma experiência humana compartilhada, construída historicamente por meio da transmissão de histórias, memórias e saberes entre gerações.

Nesse contexto, as pressões cotidianas e a hiperprodução de dados e informações tendem a empobrecer a experiência, reduzindo o tempo do viver ao tempo do fazer. Ao negligenciarmos gestos simples, como, o ato de olhar com atenção, renunciamos a uma dimensão contemplativa fundamental para a constituição do ser humano. Afinal, como destacado nas reflexões de Byung-Chul Han (2015) em “A Sociedade do Cansaço”, onde, o autor nos alerta para os efeitos de uma lógica social orientada pelo desempenho, pela produtividade incessante e pela aceleração contínua, precisamos “Aprender a ver significa ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si’, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento.” (p. 28). A capacidade de “capacitar o olhar” é uma ação possível apenas aos seres humanos e não às máquinas com suas visões e inteligências artificiais.

Desse modo, em um tempo marcado pela intensificação das tecnologias digitais e pela expansão das inteligências artificiais, a própria concepção atualizada de “viver” volta a ser tensionada. À medida que se delega progressivamente às máquinas a execução de tarefas, decisões e até práticas densamente simbólicas, como a ancestral arte de contar histórias, corre-

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

se o risco de transferir aos dispositivos aquilo que constitui a dimensão mais elementar da experiência humana: o viver enquanto presença, reflexão e partilha.

Ao "dar vida" às máquinas para que façam tudo por nós, pode-se, paradoxalmente, esvaziar a própria vida. Tal movimento tende a enfraquecer o exercício do pensamento, a amortecer a atenção sensível ao mundo que nos circunda e a reduzir nossa capacidade de observar, escutar e atribuir sentido às experiências individuais e coletivas. Perde-se, assim, a possibilidade da pausa, esse intervalo necessário diante das pressões cotidianas, que nos conduz, em serenidade, às práticas milenares como a de se ouvir e narrar histórias, espaço privilegiado de elaboração simbólica, memória e construção de sentido

Nesse embate entre o "pensamento" mecânico e o pensar humano, torna-se fundamental observar como a racionalidade algorítmica não apenas organiza tarefas, mas passa a influenciar e, por vezes, a sobrepor-se ao próprio agir humano. Multiplicam-se manchetes que evidenciam a crescente dependência afetiva em relação às máquinas: muitas pessoas encontram, nas interações com algoritmos, uma tentativa de superar a solidão ou de obter conselhos para suas escolhas e decisões. O que está em jogo, contudo, não é apenas o uso instrumental da tecnologia, mas uma reconfiguração do lugar da escuta, da orientação e da partilha de experiências.

É precisamente nesse ponto que a figura do contador de histórias adquire renovada centralidade. Diferentemente do algoritmo, que opera por correlações estatísticas e simulações de linguagem, o contador de histórias oferece presença, memória e experiência encarnada. Sua narrativa não responde apenas a comandos, mas emerge de suas experiencias vividas ou observadas, eles são capazes de estabelecer vínculos afetivos concretos com seus ouvintes. Se as máquinas podem produzir enunciados coerentes, o contador de histórias produz encontro; se o algoritmo sugere respostas, o narrador partilha sentidos. Em um cenário em que o aconselhamento tende a ser delegado por muitos às inteligências artificiais, reafirmar o valor da narração humana é também reafirmar a dimensão ética e social do ato de contar e de ouvir histórias.

Entre a eficiência e o viver: o trabalho na era dos algoritmos

A título de exemplo, recentemente foi publicada uma manchete intitulada: "PIB fantasma' e desemprego em massa: as previsões apocalípticas de texto sobre IA que viralizou e assustou mercados", onde, várias ações de empresas ligadas à tecnologia – as de *software,* despencaram após uma IA ter feito previsões catastróficas sobre o futuro, ele relata:

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

> O texto que viralizou fala em um "PIB fantasma", a ideia de que a inteligência artificial vai aumentar a produtividade e até o tamanho de algumas economias, mas que provocaria ao mesmo tempo desemprego em massa ao substituir humanos. Com isso, esse aumento da riqueza seria apenas ilusório. [...] Segundo os autores, a inteligência artificial provocaria desemprego em massa entre trabalhadores de colarinho branco — atividades ligadas à administração e gerenciamento. A produtividade das empresas teria um salto com robôs sendo mais eficientes do que trabalhadores — já que agentes de IA *"não dormem, não tiram dias de folga por doença e não precisam de plano de saúde"*. (GALLAS, 2026 – Grifo nosso)

Portanto, é fundamental observar que a reportagem não descreve apenas a substituição de tarefas humanas por máquinas, mas evidencia a emergência de narrativas produzidas por inteligências artificiais capazes de influenciar decisões e reorientar o próprio fazer humano. Não se trata apenas de automação técnica, mas de uma racionalidade algorítmica que passa a incidir sobre o campo social e afetivo, moldando expectativas, produzindo insegurança e reconfigurando a percepção do futuro. O "pensar" maquínico, ao projetar cenários de produtividade ampliada e desemprego em massa, converte-se em mediação concreta do agir humano, gerando efeitos materiais reais nos mercados e impactos subjetivos nos trabalhadores.

Em uma sociedade capitalista, essa dinâmica se intensifica na medida em que a força de trabalho é concebida, primordialmente, como mercadoria, cuja disponibilidade contínua tende a se sobrepor às necessidades vitais dos indivíduos: descanso, lazer, tempo livre e bem-estar. A valorização desloca-se da vida em sua integralidade para sua capacidade de produzir e gerar rendimento. Como destacado na reportagem, as inteligências artificiais "não dormem, não tiram dias de folga por doença e não precisam de plano de saúde" (Gallas, 2026, s.p), o que evidencia o modo como a lógica produtivista exalta a performance ininterrupta como ideal de eficiência. Nesse horizonte, o parâmetro de comparação deixa de ser o humano concreto, situado e finito, para se aproximar de um modelo maquínico de funcionamento contínuo, aprofundando a tensão entre as exigências do capital e as condições reais da existência humana. Karl Marx argumenta que:

> [...] o capitalista provoca a combinação dos fatores objetivos e pessoais da produção, na medida em que esses fatores consistem em mercadorias Se o dinheiro é transformado pela primeira vez em capital produtivo ou se funciona pela primeira vez para seu possuidor como capital monetário, então este tem de comprar primeiro os meios de produção, locais de trabalho, máquinas etc., antes de comprar a força de trabalho; pois assim que esta última fica sob seu comando, *os meios de produção precisam estar disponíveis para que ela possa ser utilizada como força de trabalho*. Assim se apresenta a coisa do lado do capitalista. (Marx, 1985, p. 28)

Assim, quando a manchete enfatiza que robôs seriam "mais eficientes" por "não dormirem, não tirarem dias de folga por doença e não precisarem de plano de saúde", sob este

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

parâmetro, a vida humana com seus ritmos, limites e necessidades passa a ser concebida como obstáculo.

É nesse horizonte que se instaura simbolicamente uma espécie de guerra entre máquinas e humanos, não como conflito bélico literal, mas como tensão estrutural em torno do sentido do agir e do valor da existência. Como observa Georg Lukács, "hoje, a luta por paz ou guerra converteu-se no eixo de toda a prática humana do presente. Suas consequências ideológicas se manifestam, lentamente e de modo contraditório, em todos os campos do pensamento, do sentimento e da criação" (Lukács, 2020, p. 5). Assim, a exaltação da máquina como ideal de eficiência não apenas reorganiza o mundo do trabalho, mas também reconfigura, de modo silencioso, os critérios pelos quais compreendemos o humano.

Dessa forma, o humano passa a ser avaliado segundo parâmetros das máquinas e seus algorítmicos, como se sua dignidade pudesse ser traduzida em métricas de desempenho. A objetificação já não se limita ao processo produtivo: ela se infiltra no plano da consciência, na medida em que o trabalhador internaliza a lógica da máquina como parâmetro de suas ações. O "pensamento" mecânico orientado por índices de eficiência e produtividade, estritamente quantitativos, converte as experiências, vínculos e capacidades humanas em dados calculáveis. O que antes se configurava como experiência compartilhada passa a ser reduzido a estatística; o que era expressão de subjetividade torna-se indicador de rendimento.

Em uma sociedade capitalista, tal dinâmica tende a se radicalizar, uma vez que a força de trabalho é concebida, antes de tudo, como mercadoria, cuja disponibilidade permanente se impõe às necessidades vitais dos indivíduos: descanso, lazer, tempo livre e cuidado de si. A centralidade deixa de recair sobre a vida em sua integralidade para concentrar-se em sua capacidade produtiva, mensurável e rentável. Como já assinalado anteriormente na reportagem:

> [...] a inteligência artificial provocaria desemprego em massa entre trabalhadores de colarinho branco — atividades ligadas à administração e gerenciamento. A produtividade das empresas teria um salto com robôs sendo mais eficientes do que trabalhadores — já que agentes de IA "não dormem, não tiram dias de folga por doença e não precisam de plano de saúde" (Idem, 2026)

Portanto, para os detentores dos meios de produção, há uma idealização de uma performance contínua dos trabalhadores, desprovidos de limites biológicos e sociais. Ao naturalizar a lógica da produtividade ilimitada, obscurecem-se as dimensões sensíveis, históricas e relacionais que constituem o viver, reforçando uma racionalidade que privilegia a eficiência em detrimento da experiência e do tempo humano.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 02/07/2026 | aceito: 05/07/2026 | publicação: 08/07/2026

Nesse horizonte, a delegação indiscriminada de nossas ações e escolhas às máquinas pode acentuar tal empobrecimento, na medida em que enfraquece nossa capacidade de pensar, da nossa presença, de nossa escuta e de conexão conosco mesmos e com os outros. Recuperar a experiência do olhar demorado e, por extensão, o da escuta atenta, torna-se, um gesto de resistência frente à automatização da vida e à lógica produtivista que marca os dias atuais.

Em um mundo orientado pela eficiência, pela velocidade e pelo desempenho, a pausa, o silêncio e a escuta, elementos centrais da oralidade, tornam-se cada vez mais escassos. Nesse cenário, o contador de histórias não apenas transmite narrativas, mas também se constitui como um agente de resistência à lógica da aceleração, reinstaurando o tempo da reflexão, da escuta e da partilha. Diante desse contexto, emerge a necessidade de refletir sobre os modos pelos quais a contação de histórias pode manter sua relevância e singularidade, ao mesmo tempo em que dialoga com as transformações tecnológicas e culturais da era algorítmica.

Considerações finais

As IAs vieram para ficar. As tecnologias digitais e, mais recentemente, as inteligências artificiais generativas têm produzido transformações profundas nos modos de criar, narrar e compartilhar histórias. Se, em outros tempos, o contador de histórias tinha como principais instrumentos a voz, o corpo e a experiência vivida, hoje assistimos à emergência de narrativas mediadas por algoritmos, aplicativos e robôs narradores. Nesse cenário, o "pensar" parece já não se apresentar como atribuição exclusiva do ser humano.

Essa inflexão pode ser simbolicamente ancorada na canção *"*Cérebro Eletrônico*"*, de Gilberto Gil, que, ainda na década de 1960, intuía a ascensão de uma racionalidade algorítmica capaz de "fazer tudo, fazer quase tudo". Contudo, ao lembrar que "ele é mudo", a canção aponta para um limite decisivo: entre calcular e viver, entre processar informações e produzir experiência. Assim, embora as inteligências artificiais ampliem exponencialmente as possibilidades de criação narrativa, permanece em aberto a questão sobre o que distingue o pensamento humano: histórico, sensível e situado, do processamento algorítmico que o simula.

A força dos contadores de histórias reside precisamente nessa capacidade de mobilizar a imaginação do ouvinte, convocando-o a construir mentalmente cenários, personagens e atmosferas, ao mesmo tempo em que elabora mediações entre o real e o imaginário, o possível e o impossível. Trata-se de um processo relacional no qual a narrativa não é simplesmente transmitida, mas partilhada na e pela presença: no olhar que encontra o outro, no timbre e no ritmo da voz, nas pausas, nos gestos e nas expressões corporais. O contador de histórias

instaura, assim, uma experiência sensorial e estética singular, constituída no encontro e na reciprocidade da escuta.

Quando ancoramos essa prática no mundo do trabalho, torna-se evidente sua diferença em relação à lógica da produtividade que orienta grande parte das atividades contemporâneas, focada na produtividade e na ausência de pausas. A contação de histórias não se submete integralmente aos parâmetros da eficiência, da aceleração ou da performance mensurável; ela exige tempo, atenção compartilhada e disponibilidade afetiva, dimensões que escapam à racionalidade produtivista. Nesse sentido, a dimensão encarnada da narrativa, fundada na presença e na troca, afirma um modo de fazer que resiste à redução da experiência a resultados quantificáveis. Ao final, a contação de histórias não é apenas uma herança do passado, mas uma prática que continua produzindo sentidos na era algorítmica.

É precisamente essa densidade existencial — histórica, sensível e relacional — que permanece como traço distintivo da experiência humana e que, até o presente momento, as inteligências artificiais não conseguem reproduzir em sua complexidade. Ainda que possam gerar textos e simular vozes, carecem da inserção concreta no tecido das relações sociais e no tempo vivido que constituem o trabalho humano enquanto atividade significativa e produtora de sentido.

Nesse contexto de coexistência entre práticas ancestrais e tecnologias emergentes, a questão central não se restringe à competência técnica de produzir textos, mas ao estatuto da experiência que sustenta o ato de narrar. Entendem-se por práticas ancestrais as formas de transmissão oral de histórias, memórias e saberes que, embora continuamente atualizadas em diferentes contextos sociais e tecnológicos, preservam sua função de criar vínculos, compartilhar experiências e produzir sentidos coletivos. Compreender o papel do contador de histórias na era algorítmica implica reafirmar o valor da presença, da escuta sensível e do envolvimento emocional em um tempo em que enredos podem ser gerados por máquinas e difundidos por sistemas orientados por dados.

Se as inteligências artificiais ampliam as possibilidades de criação e circulação de narrativas, são os contadores de histórias que preservam a dimensão ética e relacional do narrar, recordando-nos de que contar histórias é, antes de tudo, um gesto de partilha e de construção de sentido coletivo. Assim, mais do que um tensionamento entre humano e máquina, o que está em jogo é a defesa dos narradores e das suas narrativas, observando nesta prática um espaço onde a experiência vivida, o viver e o sentir, continuam a ser insubstituíveis. Portanto, a questão não está em determinar quem pode contar histórias, mas em compreender de onde elas emergem e quais sentidos produzem. Na era algorítmica, a singularidade da contação de histórias reside

justamente nessa capacidade de transformar experiências vividas em narrativas que fortalecem vínculos, promovem a escuta e reafirmam a dimensão humana do narrar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: https://tudosobreopasunb.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/10/descartes_discurso_do_mc3a9todo_completo.pdf
Acesso em: 12 fev. 2026.

GALLAS, Daniel. **'PIB fantasma' e desemprego em massa:** as previsões apocalípticas de texto sobre IA que viralizou e assustou mercados. BBC News Brasil, Londres, 24 fev. 2026. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c14mgr04l3ko. Acesso em: 25 fev. 2026

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. Disponível em: https://archive.org/details/sociedade-do-cansaco-byung-chul-han/page/4/mode/1up. Acesso em: 20 de fev. de 2026

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich**. Fenomenologia do espírito.** Petrópolis: Vozes, 1992. Disponível em: https://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Fenomenologia-do-Espirito-Hegel.pdf. Acesso em: 25 fev. 2026

LEAL, Rita de Cassia Souza; PRETTO, Nelson De Luca. *A humanidade dos algoritmos*. Revista Docência e Cibercultura, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.12957/redoc.2026.95321. Acesso em: 9 jun. 2026.

LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. Tradução de Bernard Herman Hess, Rainer Patriota e Ronaldo Vielmi Fortes; Revisão de Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1954/mes/91.pdf. Acesso em: 02 mar. 2026

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 2. ed. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Apresentação de Jacob Gorender. Coordenação e revisão de Paul Singer. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 3 v.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: file:///C:/Users/mcsag/Downloads/a-letra-e-a-voz-a-literatura-medieval_compress.pdf. Acesso em 13 jun. 2026

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/mcsag/Downloads/Paul_Zumthor_Performance_recepcao_leitur.pdf Acesso em: 17 fev. 2026